

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO SIDNEI BENETI NA ACADEMIA RIBEIRÃOOPRETANA DE LETRAS

Ribeirão Preto, Sala do Tribunal do Júri do Fórum da Justiça Estadual, 23.11.2023

Sumário: 1. Cadeira nº 34, Patrono Graciliano Ramos. 2. Homenagem a Graciliano Ramos. 3. Homenagem ao antecessor, Professor Doutor Fábio Leite Vichi. 3. Memória literária e Ribeirão Preto. 4. Agradecimentos; 5. Encerramento.

Anexos: Bibliografia Geral. Bibliografia de Graciliano Ramos. Bibliografia de Fábio Leite Vichi. Acadêmicos da Academia Ribeirãoopretana de Letras (Em 21.11.2023).

Senhora Acadêmica Presidente, Fernanda Castello Moço Ripamonte; Altas Autoridades, Confrades e Confreiras da Academia; Familiares do saudoso Acadêmico, Professor Fábio Leite Vichi, meus Familiares e Amigos, Senhoras e Senhores,

1.Cadeira 34, Patrono Graciliano Ramos.

Honrado e emocionado, tomo posse na Academia Ribeirãoopretana de Letras.¹ A Cadeira nº 34 foi criada quando do aumento do número de cadeiras, em 1988, igualando-se ao número nas Academias Brasileira, Paulista e Francesa de Letras. O primeiro e único titular antecessor, Professor Fábio Leite Vichi, inaugurou-a homenageando Graciliano Ramos, que foi Presidente da Associação Brasileira dos Escritores², fornece o nome a numerosas Academias de Letras, mas não foi Membro da Academia Brasileira de Letras.³

2. Homenagem a Graciliano Ramos.

Graciliano Ramos nasceu em 27.10.1892 em Quebrangulo ⁴, Distrito de Palmeira dos Índios, Alagoas. Faleceu de câncer no pulmão⁵ aos 61 anos, no dia 20.03.1953, no Rio de Janeiro, e está sepultado no Cemitério São João Batista. Filho de pequeno comerciante, também Juiz Substituto da localidade, e mãe dedicada ao lar,⁶ casal com mais quatorze filhos. Casou-se em 1915 e, viúvo em 1920, com quatro filhos, voltou a casar-se em 1928, somando mais três filhos⁷. Autodidata em latim, francês, inglês e italiano, leu, durante o então Curso Primário, Molière, Racine, Corneille, Camões e Zola, mas saiu sem saber matemática.

Viveu e conviveu em diversas cidades⁸: Quebrangulo, Palmeira dos Índios, Buíque, Viçosa de Alagoas, Maceió, de novo Palmeira dos Índios e Rio de Janeiro. Visitou São Paulo, conhecendo os modernistas, aos quais criticou⁹, assim como o fez, embora o admirasse, a Machado de Assis¹⁰ e, quanto à pessoa, a Carlos Drummond de Andrade¹¹, não poupando à crítica nem mesmo a Jesus Cristo.¹² Viajou a cidades da Europa, especialmente a Praga e a Moscou, naquelas conhecidas excursões de intelectuais socialistas ao mundo comunista¹³, admirando Stalin¹⁴. Foi amigo especialmente de José Lins do Rego.

Na terra natal de Palmeira dos Índios, onde está a “Casa Museu Graciliano Ramos”¹⁵, foi comerciante e Prefeito Municipal, de 1928, a 1930, quando renunciou. Relatou a gestão em dois famosos *relatórios-administrativo-político-literários*,¹⁶ que, no Rio de Janeiro, caindo nas mãos de Augusto Frederico Schmidt, abriram caminho à descoberta dos originais guardados de *Caetés*, salvos, à destruição, ocorrida com outros.

Mantinha costumes pessoais regrados, retraídos e conservadores, a despeito da intensa atividade literária, jornalística e política. Foi filiado ao Partido Comunista de Luiz

Carlos Prestes, como tantos intelectuais da época¹⁷. Criado no catolicismo, passou a agnóstico. Foi preso duas vezes: em 1930, quando resistiu ao golpe de Getúlio Vargas, e em 1936, por nove meses, quando colheu o farto material das Memórias *do Cárcere*.

Publicou 20 livros¹⁸, cinco dos quais inspiraram filmes¹⁹. Ícone do regionalismo nordestino, classificado como uma espécie de realismo tardio ou pré-modernismo.

Massaud Moisés observou que Graciliano Ramos escreveu hesitando “entre a tradição e a modernidade, ou buscando na tradição os prenúncios da modernidade”, dando “a impressão de pôr a prova a sua modernidade num terreno em que mais nitidamente transpareciam os pressupostos de natureza econômica e social”.²⁰

E Alfredo Bosi anotou, certo, quanto ao “realismo” e ao “modernismo” de Graciliano Ramos: “O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O ‘herói’ é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo”; e, quando ao modernismo: “a modernidade de Graciliano Ramos tem pouco a ver com o Modernismo e nada a ver com as modas literárias para as quais o escritor pode apresentar um quê de inatural. Ela vem da sua opção pelo maior grau possível de despojamento, pela sua recusa sistemática de intrusões pitorescas, chulas ou piegas, situando-se no polo oposto do populismo – tanto o vulgar quanto o sofisticado – que tem manchado tantas vezes a atitude dos fruidores da ‘vitalidade’ do homem simples”²¹.

Como explicitou Luciana Stegagno Picchio, “O indivíduo de Graciliano Ramos não é um homem social e extrovertido, talvez fraco, mas fundamentalmente bom e capaz de ver o mundo através da lente da ironia. (...) é um solitário e um frustrado, não tem nenhuma confiança nos seus semelhantes e nem mesmo em si próprio.”²²

Espelhou, com a originalidade própria, no grande nordeste, costumes locais, trilhando caminho iniciado por José Américo de Almeida e prosseguido por Raquel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado, e depois explorado, em outras regiões, por Guimarães Rosa, Mário Palmério e Érico Veríssimo, todos, de certa forma, como escreveu Gilberto Freire, precedidos por Euclides da Cunha, o “revelador da realidade brasileira”²³ em “Os sertões”²⁴.

Romances, publicou quatro, três narrados na primeira e um na terceira pessoas.²⁵ contendo, todos, personagens singulares fortes, projetadas pela personalidade do autor.

Em *Caetés*, João apaixona-se pela mulher do patrão, Adrião, que, diante de carta anônima denunciadora, suicida, ao passo que João abandona a amante, mas prossegue sócio da empresa.

Em *São Bernardo*, a personagem que mais representa Graciliano Ramos, Paulo Honório, ex-presidiário obstinado, aferra-se à Fazenda São Bernardo, pela qual luta sem trégua e sem escrúpulos, mandante até do homicídio de proprietário vizinho, e, obstinado em ter sucessor para deixar a propriedade, casa-se com a professora primária Madalena, que, entretanto, passa dele distanciar-se, protegendo trabalhadores e enciumando-o, devido a amizade, em dado nível social superior, com o juiz local, mulher que, a despeito de dar-lhe o ansiado filho, oprimida e perseguida, comete suicídio.

Em *Angústia*, título certo, que se bastava por si só, nem precisando de mais história, Luiz da Silva assiste à amada vizinha Marina seduzir-se pela riqueza do repulsivo, mas rico e poderoso Julião Tavares, a quem mata, sufocando com uma corda e dependurando-o em uma árvore, para parecer suicídio.

Em *Vidas Secas*, que recebeu em 1962 o prêmio da fundação norte-americana William Faulkner como o livro mais representativo da literatura brasileira contemporânea, arrasta a triste sina de retirantes explorados pelo patrão e, deixando a própria terra, erram pelo agreste Fabiano, Sinhá Vitória, filhos e aquele verdadeiro achado literário que é a cachorra Baleia.

Os livros de contos e contos, narram histórias fortemente amparadas em costumes, vividos ou imaginados.

Em *A Terra dos Meninos Pelados*, livro infantil de 1931, tem-se a história do menino Raimundo, careca, com um olho azul e outro preto, apelidado Raimundo Pelado, que começa a falar sozinho e cria um país de imaginação, Tatipirum.

Em *Histórias de Alexandre*, o popular contador de histórias Alexandre, desfila "casos" e falas.

Em *Histórias Verdadeiras* e *Histórias Incompletas* têm-se alguns textos que por vezes refletem defeitos da escrita no cárcere. A crítica, controversa, embora, ferreteia um tanto a qualidade dessas obras, como o fez o grande Antonio Cândido.²⁶

Em "Infância", nas "Memórias do Cárcere" e nas "Cartas", na 1ª pessoa, está o próprio homem Graciliano Ramos.

"Infância" retrata a vida da família rude, de avô e pai pródigos em castigos corretivos e maus tratos físicos e psicológicos aos filhos e familiares, com verazes "flashes" da educação e comportamentos da época. Lá estão frases como: "Foi o medo que me orientou nos meus primeiros anos, pavor"²⁷ e "batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural"²⁸ – lembrando o Eclesiastes: "aquele que ama o seu filho, castiga-o com frequência".²⁹

"Memórias do Cárcere" foram escritas aos poucos, a partir de 1946, com base na memória e anotações do tempo da prisão, por 9 meses, em 1936, sob Getúlio Vargas, e foram publicadas postumamente em 1953. São quatro partes.³⁰ Na primeira, "Viagens", conta desde Maceió, quando demitido do serviço público, passando por Recife, depois transferido nas deploráveis condições do navio Manaus até o Rio de Janeiro. Decidido a escrever um diário, observa pessoas e fatos e toma notas. Na segunda parte, "Pavilhão dos Primários", narra a convivência entre presos políticos, intelectuais do Partido Comunista, como Sebastião Hora, Apporelly, Lourenço Moreira Lima, Agildo Barata, Adolfo Barbosa e o argentino Rodolpho Ghioldi – com hinos de resistência, discussões políticas intermináveis e escrita de petições e manifestos. Na terceira parte, "Colônia Correcional", prisão na Ilha Grande, a vida com prisioneiros comuns, sob a repetida frase do chefe da guarda, de que "todos estavam ali para morrer". Tem a cabeça raspada, o nome substituído por número, conhece gente como os ladrões e valentões, Gaúcho, Cubano e Paraíba, que se tornaram protetores e amigos, e a visão de um copeiro homossexual. Ao final, perde os manuscritos, lançados à água por medo, pouco antes do ingresso em presídio. A quarta parte, "Casa de Correção", no Rio de Janeiro, é o retorno ao ambiente de presos políticos, com Apporelly, Moreira Lima, Nise da Silveira, Hermes Lima³¹, Leônidas Resende, Castro Rebelo. Debates sobre Prestes, votações no Coletivo e manifestos contra a deportação de Olga Benário Prestes e Elisa Berger, afinal executadas sob o nazismo na Alemanha.

O filho, Ricardo Ramos, também escritor³², anotou que a linguagem de “Memórias do Cárcere” é de uma “raiva mansa” e que faltou um capítulo, que o pai projetava para as “sensações da liberdade”, a saída, uns restos de prisão, a acompanhá-lo em ruas quase estranhas”³³

Fábio Cesar Alves, de olhos atentos na distância que vai da época da prisão, 1936, até a decisão de escrever o livro, dez anos depois, e a publicação da obra, 1953, salienta “a implicação do olhar para o passado, perspectivado pelo presente (...)”³⁴, e, cita observação de Boris Schnaiderman³⁵, de que “como frequentemente as duas vozes (a do passado e a do presente), no texto não se distinguem (...) a tendência dos leitores (e de parte da crítica) tem sido a de considerar uma identidade entre ambas, como se o prisioneiro tivesse permanecido o mesmo com o passar dos anos”.³⁶

As *Cartas*, enviadas aos pais, amigos e, semanalmente, à esposa Heloísa – publicadas mais de vinte anos após a morte³⁷, cumprindo desejo expresso do autor, contrastam com a crua narrativa de *Insônia* e *Memórias do Cárcere*. Muita crítica, é certo, a obras literárias, a personalidades e a costumes, farta descrição de desenvolvimento de escritos, especialmente *São Bernardo* e *Angústia*; muitas páginas de terna amizade e afeto – sem cair no vulgar ou piegas – Graciliano não se permite o melodrama, jamais.

Em todas as obras, mesmo na memorialística, a imaginação transborda e o texto enxuto prevalece³⁸. O suspense é peculiar, sabe-se que virá o amargor, espera-se que não, mas, ao fim, vem mesmo, Estilo seco, frases curtas, narrativa entrecortada de exclamações, digressões, solavancos e soluços, mas em resmungos de termos e ritmo nordestinos. Típico regional nordestino, porém, um regional que ascende ao universal. Nada é “datado”, episódico, momentâneo fugaz. Nenhuma concessão a frases feitas, reproduzidas de bordões, comentários ou palavras de ordem do instante sociopolítico, que seriam ínfimos e passageiros, diante da universalidade e a perenidade de uma grande obra! Quanto azedume disparado a esmo, crítica severa e intolerante, inclusive consigo mesmo. Ritmo frenético. Cada capítulo prende o leitor. Impossível parar de ler.

No primoroso discurso de posse inaugural da Cadeira 34, meu antecessor, o saudoso Professor Fábio Leite Vichi lembrou entrevista de Graciliano Ramos, denominada “Auto-Retrato de Graciliano Ramos aos 56 anos”³⁹, discurso de que tomo emprestadas algumas respostas de Graciliano: “(...) “Não gosta de vizinhos / Detesta rádio, telefone e campainhas / Tem horror às pessoas que falam alto / (...) / Não tem preferência por nenhuma comida / Não gosta de frutas nem de doces / Indiferente à música / Sua leitura predileta: a Bíblia / (...) / Não dá preferência a nenhum dos seus livros publicados / Gosta de beber aguardente / É ateu. / Indiferente à Academia; / Odeia a Burguesia. / Adora Crianças / Romancistas brasileiros que mais lhe agradam: Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rego e Raquel de Queiroz / Gosta de palavrões escritos e falados / Deseja a morte do capitalismo / Escreveu seus livros pela manhã / Fuma cigarros ‘Selma’ (três maços por dia) / (...) / Apesar de acharem pessimista, discorda de tudo / Só tem cinco ternos de roupa, estragados / Refaz seus romances várias vezes / Esteve preso duas vezes / É-lhe indiferente estar preso ou solto / Escreve a mão / Seus maiores amigos: Capitão Lobo, Cubano⁴⁰, José Lins do Rego e José Olympio / Tem poucas dívidas / Quando prefeito de uma cidade do interior, soltava presos para construírem estradas⁴¹ / Espera morrer com 57 anos”.

Em “Viventes das Alagoas” estão os dois relatórios anuais de Prefeito, eleito como candidato único por apolítico, cargo a que, contudo, renunciou. Enviados ao Governador, há nos Relatórios pérolas, por exemplo, sobre o adiamento de obras do cemitério: “os

mortos esperarão mais algum tempo. São os munícipes que não reclamam"; ou: "dos administradores que me precederam uns dedicaram-se a obras urbanas; outros, inimigos de inovações, não se dedicaram a nada"; ainda: "Canafistula era um chiqueiro. Encontrei lá o ano passado mais de cem porcos misturados com gente. Nunca vi tanto porco"; mais: "como ninguém ignora que se não obtém de graça as coisas exigidas, cada um dos membros desta respeitável classe acha que os impostos devem ser pagos pelos outros"; por fim: "há pouco tempo, com a iluminação que temos, pérfida, dissimulavam-se nas ruas sérias ameaças à integridade das canelas imprudentes que por ali transitassem em noites de escuro"⁴².

Disse Jorge Amado, ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras: "Da angústia e da miséria nasceu o romance de trinta. (...) O romance do árido sertão e dos sofridos sertanejos desse extraordinário Graciliano Ramos, em cuja obra, num milagre de harmonia, conciliaram-se as duas vertentes: Alencar e Machado. O romance do desespero da seca do homem castigado pela natureza e pelo latifúndio".⁴³

Como a história, a literatura "*magistra vitae est*". Leia-se e releia-se Graciliano Ramos. Nele estão as caras e os sentimentos da gente brasileira, sem perder de vista a essência, isto é, o universal no espaço e o permanente no tempo... Vale até hoje e para sempre. É escritor de livros daqueles que Ítalo Calvino classifica como clássicos: "Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: 'Estou relendo'... e nunca: 'Estou lendo...'". "Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer"⁴⁴!

2. Homenagem ao Acadêmico predecessor na Cadeira 34, Professor Fábio Leite Vichi.

Presto homenagem ao *sempre* Titular da Cadeira 34, meu antecessor, o saudoso Professor Fábio Leite Vichi.

Fábio Leite Vichi nasceu em Amparo⁴⁵, no dia 11.06.1938 e faleceu em Ribeirão Preto no dia 21.03.2023. Formou-se na 6ª Turma da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, em que se formaram, entre outros, o Ex-Prefeito Municipal, Antonio Duarte Nogueira, e, ao que sei, os Professores Edgard Achê, primeiro pediatra de meus filhos, e Harley Edison Amaral Bicas, amigo daqueles tempos⁴⁶, e tantos outros grandes médicos.

Destacado profissional médico e docente, atuante líder estudantil, médico benfazejo de tratar de necessitados desconhecidos que encontrava, exemplar chefe de família, grande intelectual, enfim, um referencial de ser humano completo. Diante da perda, em 23.3.2023, a família encontrou forças para publicar cartão em que, ao lado da foto, transcreveu pensamento de Mika Waltari, escritor de sua admiração, que assim inicia: "Quanto mais passa o tempo mais a alma voa como um pássaro em demanda da infância."⁴⁷

Fábio Leite Vichi sintetiza a si próprio, nas informações bibliográficas de seus livros.

Em "Amparo Como 'A Flor da Montanha'"⁴⁸, escreveu: "Nasceu em Amparo (SP, em 11 de junho de 1938, filho de Iracema Leite e Sílvio Vichi. Em sua cidade natal recebeu ensinamentos básicos no Grupo Escolar Luiz Leite e formou-se por cursos no Colégio e Normal do então denominado Ginásio do Estado. / "Em 1957 adentrou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, graduando-se médico pela 6ª Turma, em 1962. Como estudante ligou-se ao Centro Acadêmico Rocha Lima do qual foi

secretário e presidente, além de redator do jornal 'O Esteto'. Formado, obteve treinamento no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e em nosocômios universitários da Universidade de Northwestern, em Chicago (EUA). Foi nomeado processor da escola de sua graduação em 1967, aposentando-se em 1997. Durante a fase de docência recebeu homenagens por várias turmas e foi paraninfo da Turma de 1969. / Desde o curso primário escreve, tendo sido em 1988 escolhido como membro da Academia Ribeirãopretana de Letras (cadeira 34 – patrono Graciliano Ramos) e em 1993, acadêmico da Academia Amparense de Letras (cadeira 36 – patrono Sílvio Vichi). Além de consultório médico na cidade de Ribeirão Preto, escreve para revistas e jornais desta localidade e para periódicos da cidade de Amparo."

Em outro livro, "Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP 40 Anos", anotou: "Em 1956 completou o curso científico e, também, normalista (orador da turma). Paralelamente frequentava no período noturno o curso de Desenho Técnico no Liceu João Belarmino (1954-1955), sob a supervisão do Prof. Leandro Frediani. Após frequentar curso preparatório aos exames vestibulares para Medicina na cidade de São Paulo (1956), ingressou na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, adentrando-a em 10º lugar (1957). Foi monitor em Morfologia (Prof. Walter Hadler) e em Ciências Patológicas (Prof. Fritz Köberle). Formado médico em 1962, torna-se residente chefe do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto". Aprovado nos exames do "Educational Council for Foreign Medical Graduate" permanece dois e meio de treinamento em Clínica Médica (interno e depois 'fellow') na 'Northwestern University Medical School' (Chicago – USA). Retornando ao Brasil opta por carreira universitária na F. M. R. P. – USP onde é, até hoje, docente (professor adjunto no Departamento de Clínica Médica). Supervisiona o serviço de Eletrocardiografia e Cicloergometria do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. Pertence a várias Sociedades Médicas e Similares".⁴⁹

Escritor incansável, publicou 37 livros, relacionados no último deles, "Amparo Como a 'Flor da Montanha", em 2018⁵⁰ - e um discurso registrado. Voltando do Consultório Médico, dirigia-se no Escritório junto à residência e escrevia sempre – consta que escreveu até imediatamente após o nascimento de uma das filhas! Interrompia, contudo, para os jogos do Palmeiras – no que fazia muito bem....

Ambientados em Ribeirão Preto, destacam-se: **01)** Saudação a Graciliano Ramos (Posse na ARL – 1988); **02)** Saudação ao Prof. Alceu Amoroso Lima (Posse do Dr. Antonio Ruffino Neto na ARL – 1989); **03)** Faculdade de Medicina de Ribeirão preto – 40 Anos. Seus Prólogos Contados por um Ex-Aluno (2ª Edição, 1994); **04)** Reminiscências de um Médico (3ª Edição, 2001); **05)** Aspectos Históricos e Personagens da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Volume I – Comemoração do Cinquentenário da Fundação (2002); **06)** Aspectos Históricos e Personagens da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP (Volume 2, 2005).

Luiz Carlos Raya, então Acadêmico Presidente da Academia Ribeirãopretana de Letras, escreveu: "O Professor Fábio Leite Vichi, dividido entre o amor a duas cidades, sua terra natal, Amparo, e sua cidade de adoção, Ribeirão Preto, também se reparte em talento e devoção, entre duas artes: A Medicina e a Literatura. Mas consegue irradiando carinho e conhecimento, reverenciar e 'curtir' os dois municípios paulistas e, numa feliz integração, faz literatura deliciosamente amena e com fatos ligados à medicina. À parte, faz sua produção de literatura médica e científica, com a qual, desde a formatura na FMRP em 1962, galgou os degraus na carreira docente até Professor Adjunto de Clínica Médica". (...) Contou-nos muito sobre a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP

e seus maiores expoentes, com fidelidade histórica, honestidade científica, pureza literária, senso de humor invejável e acendrada dedicação às pessoas e instituições com as quais conviveu”.⁵¹

Li com imenso prazer os livros a que tive acesso do Acadêmico Fábio Leite Vichi, assim como minha mulher o fez, lembrando coisas de Amparo, terra natal de seu pai, onde moraram seus avós, que naquela terra repousam.

Predomina nos livros a memorialística. Da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, professores, estudantes e funcionários; dos estudos, das festas, das repúblicas de estudantes, das personagens da cidade, das lutas universitárias e políticas daquele tempo turbulento da vida política nacional, pós-movimento militar de 1964, em que exerceu ele a Presidência do combativo Centro Acadêmico Rocha Lima, então no Casarão de Iria Junqueira, na Rua Visconde de Inhaúma, ao lado da Catedral, infelizmente demolido, como tantos edifícios históricos da cidade.⁵²

A memorialística avança por personagens e fatos severos ou pitorescos de professores, e estudantes. Revê e pereniza acontecimentos. E isso tanto de Ribeirão Preto quanto de Amparo. Desfilam personagens ribeirãopretanas, sobretudo da Faculdade de Medicina: Zeferino Vaz, Fundador; Paulo Gomes Romeo, Primeiro Diretor do Hospital das Clínicas, Maurício da Rocha e Silva, “um dos cérebros mais privilegiados da USP”. Na Revista “Medicina”, do Centro Acadêmico Rocha Lima, colhem-se nomes, muitos dos quais destacados nos livros.⁵³

Impressionei-me com a absoluta fidelidade a nomes, datas e relatos, produto de pesquisa séria, como adequado ao grande cientista e professor nas vestes do escritor. O estilo é claro, sem pompa, direto, informal, mas elevado, digno. Redação perfeita, pausada por parágrafos simétricos, adequados ao respiro na leitura. Absoluta correção vernacular. Tem-se em cada palavra, frase ou período, o cientista temperado pelo humanista. É isso: como o médico consciente e responsável, trata a literatura com a seriedade, a precisão e o rigor do cuidado com um paciente!

Não tive, infelizmente, convivência pessoal próxima com o eminente Professor Fábio Leite Vichi. Imagino devo ter estado com ele, como dirigente do histórico Centro Acadêmico Rocha Lima, em algum daqueles inesquecíveis tempos em que abria generosas portas aos estudantes mais novos, colegiais como eu, então colegial do Instituto de Educação Otoniel Mota, para inesquecíveis noites de “shows de Bossa Nova” e intermináveis reuniões projetando reformar o mundo, com frequentadores do Centro Acadêmico⁵⁴, na Visconde de Inhaúma; ou no então famoso Baile Branco, no Estádio de

Esportes; ou nos instantes memoráveis dos “*Pic-nics*” no Lago da Faculdade, no campus em que, aliás, havia sido a primeira morada de minha mulher recém-nascida, pois lá moraram seus pais, em uma das casas de funcionários da antiga Escola Prática de Agricultura de São Paulo, depois destinadas aos Professores da Faculdade.

Formado na Turma de 1968 da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo, bem me lembro como foram aqueles tempos de fins de 1968, quando baixado o terrível Ato Institucional nº 5. O Professor Fábio Leite Vichi, Paraninfo da Turma de 1969 da Faculdade de Medicina, foi proibido de ler seu discurso, que, contudo, contrariando a direção da Faculdade, distribuiu aos formandos, e muitos anos após foi publicado na Revista do Centro Médico⁵⁵, texto que me veio agora pelas mãos generosas do então formando-paraninfado, meu amigo daqueles tempos, o Professor Luiz Roberto de Oliveira.⁵⁶

No “Discurso nunca discursado”, o Paraninfo Fábio Leite Vichi,, que ainda não havia completado trinta anos, quase a idade dos formandos, homenageou o Professor Hélio Lourenço de Oliveira, um dos fundadores da Faculdade e Reitor da USP, cassado sob o Ato Institucional nº 5 e então exilado, dizendo: – “O Professor Hélio Lourenço de Oliveira está distante. Continua a educar, produzir e orientar em outras terras”. E, dirigindo-se aos formandos, invocou a dignidade do Eminentíssimo Professor e exortou enfaticamente os novos médicos à conduta ética, com estas palavras, que valem para todos os tempos: “Prestes a iniciar cada vez mais marcante a escola da vida. Sede também, meus amigos, dignos dela!”.⁵⁷

Nas dedicatórias de seus livros, Fábio Leite Vichi sempre celebra o afeto aos pais, Professor Sílvio Vichi e Iracema Leite Vichi, à esposa, filhas e netas, como dizia, às “oito Marias”, 1) Maria Márcia Bastia Vichi, esposa; filhas 2) Maria Sílvia, 3) Maria Lília, 4) Maria Cristina 5) Maria Teresa, e às netas, 6) Maria Luísa. 7) Maria Eugênia e 8) Maria Beatriz – não olvidando amigos e colaboradores.

Peço licença à Senhora Acadêmica Presidente para solicitar a todos o nosso mais carinhoso aplauso, homenageando o saudoso Professor Fábio Leite Vichi, na pessoa da esposa, Professora Maria Márcia Bastia Vichi e familiares, aqui presentes.

3. Memória literária e Ribeirão Preto.

Interessei-me pela literatura já não sei desde quando – talvez desde sempre. Mas tenho certeza de que foi muito cedo, aqui em Ribeirão Preto. Tomando posse na Academia de Letras, o que engrandece meus escritos literários e jurídicos, observo, contudo, que, antes de tudo me considero apenas um aplicado leitor por toda a vida.

Tudo começou aqui em Ribeirão Preto. Minha mãe, Inah de Andrade Nogueira Benetti, nascida a 15.03.1920 em Ribeirão Preto, onde também faleceu a 10.07.2017⁵⁸, era oriunda de família de agricultores de café, de São Simão, Bento Quirino e Ituverava empobrecidas após devastadora geada, seguida de maus negócios, no tempo da Moratória do início do Século passado, mas tendo seus pais antes estudado nos melhores colégios.⁵⁹ Casada, cuidava da casa e teve uma pequena loja de armarinhos na Rua São José nº 600⁶⁰. Estudou no Colégio Santa Úrsula, habilitando-se a iniciar a lecionar, o que fez em uma fazenda em Jardinópolis, e Contabilidade na Escola Moura Lacerda, não completando o curso.⁶¹ Lia muito.⁶² Com mais de 90 anos, publicou dois livros, um de memórias, *Amor Sem Fim*,⁶³ e outro, de ficção, *Somos Todos Irmãos*,⁶⁴, deixando rascunho de parte da história de seus antepassados, que manuscreeu em um caderninho, imobilizada no leito, até os últimos dias de vida.

No primeiro livro conta minha mãe a história de nossa família desde quando conheceu meu pai, então músico em banda de música no coreto da Praça 7 de Setembro, até a morte, em 1999, chegando ela, graças a convite do Dr. Brasil Salomão, a participação na Feira do Livro de Ribeirão Preto, no Theatro Pedro II.⁶⁵ Nesse livro vive minha família, meus pais e meus irmãos – Antonio Áureo Beneti, médico psiquiatra e psicanalista em Belo Horizonte, Márcia Aparecida Beneti dos Reis, professora, ora dedicada ao lar em Ribeirão Preto e aos cuidados dos bens deixados por nossos pais na cidade, e Luiz Harley Beneti, engenheiro da CESP aposentado, morando em Campinas.

Meu pai, Fioriavante Benetti, nascido em Ribeirão Preto, a 11. 01. 1918, faleceu em Ribeirão Preto, a 24.11.1999. Filho de família italiana,⁶⁶ nasceu em Ribeirão Preto, nos Campos Elísios, então conhecidos como “*Barracão*”, sugestivo nome de região que abrigava recém chegados imigrantes italianos, perto da Fábrica Matarazzo.⁶⁷ Meu pai

não completou o Curso Primário, no então 4º Grupo Escolar, -- mas era sempre atualizado, lia, recortava e arquivava jornais e revistas e participou do Sindicato dos Marceneiros e da Sociedade de Socorros Mútuos⁶⁸. Mantinha partituras de músicas populares do tempo em que ainda empregado da Fábrica de Móveis Delloiágon, na Rua Saldanha Marinho, em que também trabalhava o irmão.⁶⁹ Estudou música com o competente Maestro Ignazio Stabile⁷⁰, que, tendo aportado em Ribeirão Preto, foi Maestro da Orquestra Sinfônica e teve de formar músicos, onde não os havia para sua orquestra e banda⁷¹. Meu pai era saxofonista, também clarinetista, tocava no Cassino Antártica, então na Rua Américo Brasiliense, e nos bailes, inclusive de carnaval na antiga "*Caverna*", instalada nos baixos do Theatro Pedro II ⁷² e vivia ouvindo ou assobiando e murmurando canções populares brasileiras e óperas.⁷³

Da existência da Academia Ribeirãopretana de Letras, vim a saber por razões geográficas. Nossa casa e a marcenaria de meu pai, na Rua Américo Brasiliense - casa em que meu pai e minha mãe começaram e a que retornaram até o fim da vida⁷⁴, fazia fundos com a casa de um grande amigo de infância José Arnaldo Cione, Promotor de Justiça e Professor de Direito, filho do respeitado Acadêmico Professor Rubem Cione, na Rua Florêncio de Abreu, vizinha, aliás, das casas de dois então jovens brilhantes ribeirãopretanos, leitores vorazes, Antonio Reis Villalobos e Sérgio Arouca. Logo ali, atravessando a Rua São José, o fulgor intelectual de Bernardo Mantovani e Luiz Carlos Mantovani, ambos primeiros colocados nos vestibulares da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto! Um pouco acima residia o grande euclidianista José Magalhães Navarro,⁷⁵ primeiro Titular da Cadeira 17 desta Academia, de que Patrono o Barão do Rio Branco, atualmente ocupada pela Acadêmica Maria Cecília Monteiro de Figueiredo.

A literatura vivia por perto. Subindo a Rua São José lá estava a casa da Professora Luci Musa Julião, com quem aprendi, padecendo, felizmente, do imenso rigor, Língua Portuguesa nos quatro anos ginasiais do Instituto Otoniel Mota, e mais para cima, na esquina com a Rua Eliseu Guilherme, a casa da incansável disseminadora de cultura e temida Professora Florianete de Oliveira Guimarães, que nos três anos do Curso Clássico do Otoniel Mota plantou, para gerações, o teatro, a música, a cultura -- sobretudo naquele inesquecível grupo Teatral CETEC⁷⁶. Também na Rua São José, José Roberto Michelazzo e Luiz Augusto Michelazzo. Por perto morava Sérgio Rezende.⁷⁷ Na Rua São Sebastião, ao lado da Dante Alighieri, Régis de Castilho Barbosa. Também na Rua São Sebastião, perto da São José, Sérgio Rizzi⁷⁸. Perto da Praça da Catedral, na acolhedora de todos nós e morada de estudantes vindos de fora, Pensão Brasileira, da afetuosa Dona Laura, Luiz Roberto de Oliveira e Angélica⁷⁹, colega e amiga de minha mulher. Um pouco abaixo, na Álvares Cabral, José Luiz Bichuetti. Na Florêncio de Abreu, Carlos Eduardo Morandini. Na Rua Marcondes Salgado, quase São José, o Maestro "Tinho" criava escola admirável com os filhos, amigos de infância, acho que todos dedicados à música, com destaque para os grandes talentos mundiais "Filó"⁸⁰, e o irmão, Celso -- não sei se também, mas provavelmente, os irmãos.

Eram tempos em que se lia muito. Tenho em casa um movelzinho de minha mãe, ainda repleto de seus livros de romances da época. Meus tios me davam livros, que diziam em edições infantis -- "para crianças": nada mais, nada menos que "Dom Quixote", "A Divina Comédia", com as então assustadoras gravuras de Gustave Doré, "Os Lusíadas", comentados sob a severa censura de "versos impróprios" por Otoniel Mota, pastor metodista. Lia-se de tudo. Começando naturalmente por todo o Monteiro Lobato infantil e depois o adulto. Uma época cumpri um ambicioso programa pessoal de ler ao menos

uma obra cada grande autor brasileiro e português, e muitos grandes estrangeiros mais divulgados.⁸¹

Na biblioteca do Otoniel Mota, chegando antes ou saindo depois, ou em folgas de aulas, li o primeiro livro “de peso”, lembro-me bem, “Lendas e Narrativas”, de Alexandre Herculano, e enfrentei o desafio inicial da leitura em francês, com “Adolphe” e de Benjamin Constant. Na Biblioteca Altino Arantes, hoje “Sinhá Junqueira”, então novidade “circulante”, retirei, para a primeira leitura, “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, aprofundando, depois, a leitura crítica, naquele prédio então já antigo da Biblioteca da Sociedade Legião Brasileira na Rua Visconde de Inhaúma, e na Biblioteca da Sociedade União dos Viajantes, na Rua Álvares Cabral – e emprestados por professores ou amigos próprios ou da família, como era comum naquela rede de ir e vir de livros que povoavam as estantes das residências. Da casa de meus sogros, funcionário da Casa da Agricultura, e Professora Primária da Escola Normal do Instituto de Educação Otoniel Mota, na Avenida Nove de Julho⁸², minha mulher trouxe, por exemplo, as obras de Eça de Queirós, poesias de Camões, Guerra Junqueiro e Augusto dos Anjos e outros, alguns dos quais, aliás, haviam sido de seus pais.

Conta-se que Bismarck, o “Chanceler de Ferro” do Reino da Prússia, unificador dos reinos germânicos no Império Alemão, um dia declarou que o extraordinário desenvolvimento da nação germânica se devia à obra do “Mestre-Escola Alemão”, culto e exigente. Assim foram para mim os professores do então 1º Grupo Escolar Dr. Guimarães Júnior e do Instituto de Educação Otoniel Mota. Em apresentação de livro de minha mãe, “Amor Sem Fim”, escrevi: “Os professores eram severos, temidos e davam notas baixas mesmo, em provas mensais e finais e em cada chamada oral diária! Reprovavam de verdade. Eles, os professores, faziam-nos um bem enorme com a severidade, principalmente aos mais modestos, que tínhamos de aprender na escola a cultura, a educação, a socialidade que já vinham naturais nos nascidos em famílias de posses. Os alunos, nós, ricos e pobres, na mesma escola, irmanados no padecer nas mãos dos mesmos mestres”.⁸³

Meus pais compravam, na Livraria Vallada e Livraria Católica, o material escolar de cada ano e os livros indicados pelos professores ou de que eu ouvia falar. Havia constante troca de livros, emprestados de colegas para colegas, nos tempos em que os livros escolares não mudavam de ano para ano e eram comercializados pelos pais de gerações para gerações. O Instituto de Educação Otoniel Mota, que ainda chamávamos de Gymnasio do Estado, era um poderoso centro de elevada cultura. Decorávamos poesias em português, francês e inglês, para chamadas orais lá na frente da classe. Com Luiz Antonio Rodrigues da Silva, saudoso querido amigo da vida toda e colega até o fim na Magistratura de São Paulo, estabeleci por anos um desafio diário de questionar sinônimos de “termos difíceis”. Ricardo Ferraz Marcondes de Souza instigava a leitura do inglês, que trouxera da vida na Inglaterra quando de estágio do pai – o respeitado Professor Marcondes de Souza⁸⁴. Destacavam-se, na literatura, os Professores Lourenço Torres da Silva, de Latim, que havia fundado e mantinha o “Parlamento Estudantil” nos sábados pela manhã, de que ativamente participavam entre outros, Rui Flávio Chufálo Guião, Feres Sabino, Sérgio Roxo da Fonseca, João Orlando Cunha, Roberto Müller Filho, Sérgio Arouca, e, com destaque oratório, Rubens Ely de Oliveira. Herculina Verri Alonso, Professora de inglês, fazia aterrorizantes chamadas orais de listas enormes de expressões idiomáticas, e Neusa Michelutti, exigente de decorar verbos e poesias francesas para

dizer na frente da classe, nos levou a assistir palestra de Sartre e Simone de Beauvoir em Araraquara⁸⁵ - entre tantos outros Mestres que marcaram lembrança para sempre.⁸⁶

Por que estou desfilando tantas recordações ribeirãopretanas? É porque nelas está origem de tudo, são as raízes, os alicerces do conhecimento que depois se acresceu, como que em aluvião. Assim é que se vivia em Ribeirão Preto. É claro que havia cinemas, bares, festas, bailes e serenatas nas noites quentes de nossa cidade. Mas tudo se revia e firmava na leitura. E nas intermináveis discussões nas rodas de amigos que se formavam só para conversar, por vezes até a madrugada, nas casas, na Praça XV, Praça Camões e Praça Santo Antônio – participando assiduamente Munir Issa, Antonio Carlos Morandini, Roberto Edson Heck, Jirges Dieb Ristum⁸⁷, José Roberto Nassar, Antonio Vicente Golfeto, José Luiz Bichuetti, José Vicente, Leopoldo Lima, Antonio Bivar – que me indicou a *Revista Leitura*, que passei a assinar – assim como a *News Week*, a *Economist*. O histórico semanário *Pif-Paf* comprávamos, na Agência São Paulo, junto ao Cine São Paulo e à Confeitaria “A Única”, que felizmente ainda resiste, na esquina das Ruas São Sebastião e Álvares Cabral, assim como sobrevive o “Bar Pinguim”, que para nós era o “Pinguim Novo”, para diferenciar do só “Pinguim”, debaixo do “Edifício Diederichsen”, atravessando a rua, onde, em uma certa época, tocavam música ao vivo.⁸⁸

Depois veio a vida na Faculdade de Direito da USP, a “Velha e Sempre Nova Academia do Largo de São Francisco”⁸⁹ e lá vivi, de 1964 a 1968, a vida político-universitária daquele tempo, como Presidente do Diretório Acadêmico, representante na Congregação, e Presidente da Academia de Letras. Eram tempos repressivos duros, em que - não mera figura de expressão verbal – morria-se de verdade. Mudaram as leituras. Novos autores e muita literatura política da época⁹⁰. O ingresso na Magistratura em 1972 e a absorção pelo trabalho jurídico não me empeceram a convivência com a literatura e as artes, tanto que, mesmo no mar de processos do STJ, contados aos milhares, mantive o programa de leitura de uns quatro livros literários por mês. Vieram a carreira docente em duas Faculdades de Direito – São Bernardo e USP – no Largo de São Francisco, em que havia sido Presidente da Academia de Letras”. A União Internacional de Magistrados e a Escola Nacional da Magistratura, a frequência reiterada ao Max-Planck-Institut na Alemanha, em Freiburg-im-Breisgau, Munique, Heidelberg e Hamburgo, os Cursos e pesquisas no exterior, o último dos quais ao início deste ano, na velha Universidade de Ferrara, de 1391, terra de meu avô paterno, me facilitaram enormemente o acesso à literatura estrangeira.

Mas tudo começou em Ribeirão Preto. Aqui nasci, vivi e, ainda, honrou-me a Câmara Municipal ao outorgar-me o título de Cidadão Emérito. Por isso me detive a contar memórias de Ribeirão Preto, minha terra, terra de meus pais e irmãos, terra de minha mulher Sílvia, de pais, sobrinhos e descendentes das novas gerações. Ribeirão Preto, terra em que repousam, nos jazigos da Avenida da Saudade e do Bom Pastor, nossos pais, avós e familiares queridos, meus e de Sílvia, minha mulher há 55 anos – e terra para a qual um dia retornaremos para sempre.

4. Agradecimentos.

Senhora Presidente, Acadêmica Fernanda Castello Moço Ripamonte, e Senhores Acadêmicos e Acadêmicas da Academia Ribeirãopretana de Letras, Senhoras e Senhores, é hora de encerrar.

De início, agradeço: (01) À Presidente Acadêmica Advogada Fernanda Castello Moço Ripamonte, que se esmerou incansavelmente na preparação desta solenidade; (02)

Ao Juiz de Direito José Duarte, Eminentíssimo Diretor do Fórum e aos Juizes de Ribeirão Preto e região, na pessoa dos quais agradeço ao Eminentíssimo Desembargador Ricardo Mair Anafe, aqui representado pelo Desembargador Coordenador Regional, Alcides Leopoldo e Silva Júnior, e aos Desembargadores integrantes do Conselho Superior da Magistratura, pela cessão das sagradas dependências da Casa da Justiça Estadual de minha terra de Ribeirão Preto – o que me faz sentir o que na Magistratura não tive a ventura de ser: um Juiz de Direito de a Comarca de Ribeirão Preto, junto a tantos grandes Magistrados que aqui julgaram;⁹¹ (03) Aos Membros da Comissão Julgadora sobre a Escolha entre Candidatos à Cadeira 34 da Academia, Acadêmica Maria Cecília Monteiro de Figueiredo, Rui Flávio Chufalo Guião e Waldomiro Waldevino Peixoto – aos quais peço licença para cumprimentar os candidatos que comigo concorreram à cadeira vaga, cujos nomes, em obediência aos protocolos da Casa, não me foram informados, mas cuja elevada qualificação muito me honrou e engrandeceu; (04) Ao Acadêmico Secretário Geral Rui Flávio Chufalo Guião pela primorosa oração de Padrinho Acadêmico, que tanto me emocionou e honrou; (05) À Acadêmica Maria Cecília Monteiro de Figueiredo e ao Acadêmico Feres Sabino, que me conduziram neste recinto à solenidade de posse; (06) Ao Acadêmico Feres Sabino, que me trouxe tantas recordações e, inclusive, as tradicionais “Trovas Acadêmicas” de nossa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; (07) Ao Acadêmico Sérgio Roxo da Fonseca, que me sensibilizou muito agora recordando os tempos do Instituto Otoniel Mota e, antes, pôs-me em contacto com a Academia lembrando-me a palestra há alguns anos sobre Euclides da Cunha; (08) Aos Acadêmicos Secretários, Rui Flávio Chufalo Guião e Maria Conceição Alves Lima, que se incumbiram da ingente e relevante tarefa de providenciar e organizar as listas de expedição de convites para a cerimônia; (09) Aos Mestres de Cerimônias, Carlos Roberto Ferriani, ora ausente por cuidados com a esposa, e Elias Antonio Neto e Adriana Silva, que efetivamente cerimoniam, com a maestria da notória competência, esta solenidade; (10) A Secretária da Diretoria do Fórum de Ribeirão Preto, Suely Garcia, que tanto se esmerou nos trabalhos preparatórios de todo o local da cerimônia; (11) às elevadas personalidades locais que se incumbiram da recepção dos convidados e participantes dos integrantes Comissão de Recepção, à chegada dos convidados e participantes: Amir Calil Dib, Eliane Ratier e Nice Forti; (12) À Maestra Denise Ganade, ao Administrador Ivo Dacol e aos extraordinários solistas e cantores líricos e músicos do Coral Minaz e quarteto de cordas, que a todos nós emocionaram com as belíssimas apresentações musicais: --“Bravo”! Que pena que não se podia “Pedir Bis”! (13) A Beatriz Pelicer e a Robson Pimenta, e ao pessoal do Bufê Joy Café, pela preciosa participação na organização do local da solenidade e pelo saboroso coquetel preparado; (14) Ao Artista-Restaurador Miguel Angelo Barbosa pela magnífica restauração do histórico crucifixo do Salão do Júri de Ribeirão Preto, cuja plaqueta de instalação constitui honra para a Comarca pelos grandes nomes nela inscritos e honraria agora para a Academia e para mim, registrar a restauração⁹²; (15) Agradeço aos amigos, da Magistratura, da Docência, da Academia, da Família, da Vizinhança - enfim, de todas as fontes de amizade - que aqui vieram ou são presentes na lembrança, pelo incentivo e auxílio material e afetivo em todas as atividades a que tenho me dedicado.

Por fim, agradecimentos a meus familiares: (01) Agradeço a minha mulher, Sílvia Aguiar Beneti. Esta posse, como tudo na minha vida, resulta do alicerce seguro que me oferece a mulher que abdicou de usufruir da preciosa formatura profissional em Psicologia na 1ª Turma da Faculdade de Filosofia de Ribeirão Preto USP, para dedicar-se,

dia a dia, minuto a minuto, segundo a segundo, a mim e a nossos filhos, preocupando-se com tudo, tudo organizando e de tudo cuidando - inclusive das finanças e até das declarações de imposto de renda.... A ela todo o amor e gratidão, renovados a todo instante, durante nossos 55 anos de casamento feliz! (02) Agradeço a nossos filhos, Ana Carolina, Sidnei e Mariana, todos Advogados – que sempre nos cumularam de felicidades, trilhando a própria vida com sucesso e a nós dedicando todo o afeto, o mesmo ocorrendo com nossos netos Gabriel, Henrique, Manuela e Fernando e cônjuges de nossos filhos. (03) Agradeço, "in memoriam" a meus pais, Fioriavante Benetti e Ináh de Andrade Nogueira Benetti, a quem devo a minha formação, que tanto lhes custou em trabalho na vida e à memória de meus sogros, Agenor Alves Aguiar e Jenny Alves Aguiar.;

5. Encerramento.

Minhas últimas palavras encerram dupla emoção: a primeira, de saudade dos tempos em que tudo começou em Ribeirão Preto, com meus pais, familiares meus e de minha mulher e amigos queridos; a segunda, de alegria por ter na vida um momento assim, de posse na Academia Ribeirãopretana de Letras, a Casa Maior da Cultura de minha terra, honraria que eu jamais havia antes imaginado mas que ora se concretiza, inserindo-me no rol dos "imortais" da Academia, representativa da grande intelectualidade de minha querida terra de Ribeirão Preto!

Muito obrigado!

NOTAS

¹ Foram necessárias estas notas para citações, nomes, fatos e datas, úteis à informação bibliográfica e histórica, as quais, se inseridas no corpo do texto, alongariam demasiadamente o discurso na Cerimônia de Posse.

² Eleito Presidente em 1951 e reeleito em 1952,

³ Não integraram a Academia Brasileira de Letras grandes nomes como “Lima Barreto, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Érico Veríssimo, Mário Quintana e Paulo Leminski” (cf. Verbete Graciliano Ramos. Enciclopédia Eletrônica Wikipédia, Acesso 29.10.2023).

⁴ Quebrangulo é palavra paroxítona (Quebrangulo). Provavelmente nome de um quilombo, “sendo chefe desse quilombo excelente caçador, chamavam-no ‘Quebrangulo’, que na gíria dos negros significa ‘matador de porcos’” (cf. www.familysearch.org/pt/wiki/Quebrangulo, Alagoas, Brasil - _Genealogia, acesso em 29.10.2012); também: Graciliano Ramos. Última Entrevista. Entrevistado por Homero Senna. Revista do Globo, n. 18.12.1948 e República das Letras, 3ª ed., Rio de Janeiro: 473, Civilização Brasileira, 1996: “Quebrangulo (não “Quebrângulo”, como geralmente se diz)”.

⁵ Após cirurgia realizada em Buenos Aires.

⁶ Pai Sebastião Ramos, mãe Maria Rosa Ferro Ramos.

⁷ A primeira esposa foi Maria Augusta Barros e a segunda, Heloísa de Medeiros.

⁸ Cronologia de vida: **(01)** 27.10.1892 - Nascimento em Quebrangulo, Alagoas; **(02)** 1893 – Mudança para Buíque, Pernambuco, para fazenda comprada pelo pai, permanecendo até os 7 anos de idade; **(03)** 1900 – Mudança da família para Viçosa, Alagoas, onde funda, em 1900, o Jornal infantil “Dilúculo”; **(04)** 1914 – Mudança para o Rio de Janeiro, trabalhando como revisor de notas tipográficas; **(05)** 1928 – Prefeito de Palmeira dos Índios - apresenta famoso Relatório e desperta a atenção de Augusto Frederico Schmidt, que descobre o até então guardado manuscrito de “Caetés”. **(06)** 1933 – Diretor da Instrução Pública de Alagoas e preso pela primeira vez; **(07)** 1936 - Preso por nove meses no Rio de Janeiro; **(08)** 1937 – Instalação com a família, mulher e três filhos no Rio de Janeiro, morando em um quarto de pensão; **(09)** 1952 – Viagem à União Soviética com a mulher, apresentado a Stalin; **(10)** 1952 – Diagnóstico de câncer e cirurgia na Argentina; **(11)** 1952 – Acamado no Rio de Janeiro; **(12)** 1952 – Homenageado na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Discursos de Jorge Amado, José Lins do Rego, Jorge de Lima e outros); **(13)** 20.03.1953, morre vítima de câncer pulmonar no Rio de Janeiro, e é sepultado no Cemitério São João Batista na mesma cidade.

⁹ SALLA, Thiago Mio Salla; LEBENSZTAIN, Idea. *O Antimodernista Graciliano Ramos e 1922*. Rio de Janeiro: Record, 2022. “E que impressão [ao] lhe ficou do Modernismo? – Muito ruim. Sempre achei aquilo uma tapeação desonesta. Salvo raríssimas exceções, os modernistas eram uns cabotinos. Enquanto outros procuravam estudar alguma coisa, ver, sentir, eles importavam Marinetti.” (Entrevista a Homero Senna, cit. supra).

¹⁰ Sobre Machado de Assis: “Um cético que se tornou ‘um símbolo’ para as novas gerações, mas que na sua visão não passava de um ‘pessimista acomodado’/ ‘Nunca atacou, nunca defendeu, afastou-se cauteloso de todos os partidos. Avançava, recuava, permanecia num meio-termo conveniente a observar de preferência o mundo interior, onde existem, hoje, como no tempo dele, poucos perigos. Nada afirmou e nada negou” (Arquivo IEB-USP, Fundo Graciliano Ramos, série Manuscritos, Subsérie Crônicas, Ensaios e Fragmentos, s.d., apud ALVES, Fabio Cesar. *Armas de Papel – Graciliano Ramos, as Memórias do Cárcere e o Partido Comunista Brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2016, rodapé 42, p. 43-44.

¹¹ Sobre Carlos Drummond de Andrade: “um sujeito seco e duro como um osso” (Carta a Heloisa, 3.3.1937, Cartas, 8ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1994, p. 183).

¹² “A do J. Cristo foi a encrência mais desastrosa que a humanidade já aqueitou. Há dois mil anos que rebentou o fuzuê, e nunca mais as coisas voltaram aos eixos” (Carta a Heloisa, Cartas, p. 150).1935).

¹³ Vide Zélia Gattai GATTAI, Zélia. *Jardim de Inverno* 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

¹⁴ Carta a Clara, Luísa e Ricardo Ramos, Moscou, 1.5.1952, in Cartas, p. 213. A Stalin, aliás, enviou parabéns pelos 70 anos de idade (Memórias de Um Militante Stalinista, Folha+, Domingo. 9.3.2003). Sobre a produção comunista, v. p. 133 SALLA, Thiago Mio. Graciliano Ramos e a Cultura Política. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2016, p. 133. O amigo José Lins do Rego escreveu: “Graciliano Ramos pretende agora deixar o plano da ação interior, da criação de personagens, para tomar parte na reforma geral da sociedade. Volta-se para uma solução de reforma que lhe parece a aurora da humanidade que renasce. E ele tanto acredita nesta autora, que não vacila em afirmar que ‘o comunismo é a juventude do mundo’ (REGO, Jose Lins do. Apud SALLA, Thiago Mio. ob. Cit supra, p. 138, nota 1263.

¹⁵ Casa Museu Graciliano Ramos, localizada na Rua José Pinto de Barros, nº 90 – Centro, Palmeira dos Índios, fundada no ano de 1973, contém fotos, obras originais, documentos, máquina de escrever e objetos pessoais (Cf. Enciclopédia Eletrônica Wikipédia, https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_de_Graciliano_Ramos – Acesso em 29.10.2023).

¹⁶ *Relatórios ao Governador do Estado de Alagoas*. In: *Viventes das Alagoas*. 16ª ed. Rio de Janeiro: 1994, p. 165 e 177.

¹⁷ Foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro de Luís Carlos Prestes, de 1945, até a proibição por Getúlio Vargas, em 1947. Como outros escritores da época, p. ex., Jorge Amado, Raquel de Queiroz.

¹⁸ Obras: (01) 1933 – “Caetés”; (02) 1934 – “São Bernardo”; (03) 1936 – “Angústia”; (04) 1938 – “Vidas Secas”; (05) 1939 – “A Terra dos Meninos Pelados”; (06) 1944 – “Histórias de Alexandre” (Contos); (07) 1945 – “Dois Dedos” (Contos); (08) 1945 – “Infância” (Memórias); (09) 1946 – “Histórias Incompletas” (Contos); (10) 1947 – “Insônia” (Contos); (11) 1950 – “A Peste” – Camus (Tradução); (12) 1951 – “Sete Histórias Verdadeiras” (Contos); (13) 1953 – “Memórias do Cárcere” (Póstumo); (14) 1954 – “Viagem” (Póstumo); (15) 1962 – “Alexandre e Outros Heróis” (Póstumo); (16) 1962 – “Linhas Tortas (Póstumo); (17) 1962 – “Viventes de Alagoas” (Póstumo); (18) 1962 – Alexandre e Outros Heróis (Póstumo); (19) 1962 – “Histórias Agrestes” (Póstumo); (20) 1980 – “Cartas” (Póstumo).

¹⁹ Filmados, sob a direção de Nelson Pereira dos Santos, 1) Vidas secas, 2) Memórias do Cárcere, e 3) Insônia; de 4) Leon Hirszman, São Bernardo, e de 5) Luiz Fernando Carvalho, como telecine, Alexandre e outros Heróis,

²⁰ MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira. Vol. III. São Paulo. Cultrix, 3ª ed., 2019, 1ª reimpressão, 2022, p. 198 e 199.

²¹ BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura brasileira. 53ª ed., São Paulo: Cultrix, 2021, p. 429 e 432.

²² No original: “l’individuo di Graciliano Ramos non è l’uomo sociale ed estroverso, debole forse, ma fondamentalmente buono e capace di vedere il mondo attraverso la lente dell’ironia. (...) È un solito e un frustrato, non ha nessuna fiducia nei propri simili e neppure in se stesso ((PICCHIO, Luciana Stegagno. Storia della Letteratura Brasiliana. Torino: Einaudi, 1997, p. 486).

²³ FREIRE, Gilberto. “Euclides da Cunha Revelador da Realidade Brasileira”, in: Obras Completas de Euclides da Cunha. 1º Vol. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p. 18-31.

²⁴ José Américo de Almeida (“A Bagaceira”), Raquel de Queiroz (“O Quinze”, “João Miguel”, “Caminho das Pedras”) e José Lins do Rego (“Menino de Engenho, 1932; “Doidinho”, 1939; “O Moleque Ricardo”, 1935; “Usina, 1936); Guimarães Rosa (“Grande Sertão Veredas”), Mário Palmério (“Chapadão do Bugre”, “Vila dos Confins”), Érico Veríssimo (“O Tempo e o Vento), Jorge Amado (“Terra dos Sem Fins”, “São Jorge de Ilhéus”, “Cacau”, “Capitães de Areia”, “Gabriela Cravo e Canela” e outros.

²⁵ Na primeira pessoa, *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*; na terceira pessoa, *Vidas Secas*.

²⁶ CÂNDIDO, Antonio. Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

²⁷ RAMOS, Graciliano. “Infância”. 29ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994, p. 12.

²⁸ “Infância”, cit. 1994, p. 29.

²⁹ Ecclesiastes, 30.01. “Aquele que ama seu filho, castiga-o com frequência, para que se alegre com isso mais tarde, e não tenha de bater à porta dos vizinhos”. Ver Revista EntreLivros. Editora Duetto – “Infância Querida: de Dickens a Molnár, de Graciliano a Ariès, dez autores tratam da vida das crianças” (http://ww2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/infancia_querida.html (Acesso, 20.11.2023).

³⁰ Ver valioso estudo de Fábio César Alves, “Armas de Papel – Graciliano Ramos: As Memórias do Cárcere e o Partido Comunista Brasileiro”, São Paulo: Editora 34. 2016.

³¹ Hermes Lima chegou a ser Ministro do Supremo Tribunal Federal, nomeado pelo Presidente João Goulart, sendo, contudo, cassado sob o Ato Institucional nº 5/69.

³² RAMOS, Ricardo. *Terno de Reis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

³³ RAMOS, Graciliano. “Memórias do Cárcere”, vol. 2, Rio de Janeiro: Record, 1994, p. 318 e 319.

³⁴ ALVES, Fábio Cesar. Vide: “Armas de Papel: Graciliano Ramos, as Memórias do Cárcere e o Partido Comunista Brasileiro”, São Paulo: Editora 34, 2016, p. 27.

³⁵ SCHNAIDERMAN, Boris. Duas Vozes Diferentes em Memórias do Cárcere? Revista de Estudos Avançados, vol. 9, n. 23, 1995, pp. 332, apud ALVES, Fábio César, ob. cit., p. 30.

³⁶ ALVES, Fábio Cesar. Vide: “Armas de Papel: Graciliano Ramos, as Memórias do Cárcere e o Partido Comunista Brasileiro”, São Paulo: Editora 34, 2016, p. 30.

³⁷ Nota da esposa-viúva: “Convenço-me da necessidade de publicar a correspondência íntima de Graciliano Ramos, falecido há 27 anos. Durante tão longo tempo esses papéis permaneceram comigo, parte da minha saudade. Graciliano preservava a sua identidade ao ponto de não permitir intrusões em seu espaço pessoal, era avesso a qualquer publicidade, mito contido em suas relações com terceiros e dizia que só após vinte anos de sua morte se deveria publicar seus inéditos” (RAMOS, Heloísa, in: RAMOS, Graciliano. “Cartas”. 8ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1994, pág. 9).

³⁸ “Frieza de método técnico, numa parcimônia que seria indigência, não fosse a sua arte de contar das mais ricos em sugestões, pelo teor da palavra direta, da imagem justa, da ciência dum mestre da ficção interiorizada, convizinha, pela primeira vez no Brasil, da arte dostoevskiana” (LIMA, Herman. O Conto, do Realismo aos Nossos Dias. In: A Literatura no Brasil. Direção: COUTINHO, Afrânio. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A. Vol. II, p. 241). “Intellectuel de gauche” (“intelectual de esquerda, (...) escritor ‘seco’, tão rigoroso na escolha de seus termos e construção de intrigas” (Cf. PICCCHIO, Luciana Stegagno. La Littérature Brésilienne. Paris: PUFF, 2ª ed., 1981, p. 90).”

³⁹ VICHÍ, Fábio Leite. Oração de Posse na Academia Ribeirãopretana de Letras. Cadeira nº 34 – Patrono Graciliano Ramos. 15.4.1988. Arquivo Particular. A entrevista está publicada em Auto-retrato aos 56 Anos (<http://graciliano.com.br/autoretrato/>, acesso em 15.11.2023).

⁴⁰ “Capitão Lobo” era Comandante do Quartel do Recife, em que preso em 1936. “Cubano” era um ladrão, companheiro de prisão, personagens de “Memórias do Cárcere”;

⁴¹ Quanto a “soltar presos”, Graciliano Ramos explicou: “Não era bem isso. Prendia os vagabundos, obrigava-os a trabalhar. E consegui fazer, no Município de Palmeira dos Índios, um pedaço de estrada e uma terraplenagem difícil” (Vide Tiro de Letra. Grandes Entrevistas. Graciliano Ramos (última entrevista) Entrevistado por Homero Sena, República das Letras, 3ª ed. Rio de Janeiro: 373, Civilização Brasileira, 1996, entrevista publicada originalmente na Revista do Globo, 18.12.1948, Acesso: www.tirodeletra.com.br/entrevistas/Gracilianoramos.htm, acesso em 19.11.2023)

⁴² RAMOS, Graciliano. “2º Relatório”, In: Videntes das Alagoas. 16ª ed., Rio de Janeiro, Record, 1994, p. 184, 188, 190.

⁴³ AMADO, Jorge. Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras, 17.07.1961.

⁴⁴ CALVINO, Ítalo. Por Que Ler os Clássicos. In: Por Que Ler os Clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 16 e 11.

⁴⁵ Amparo é terra natal de meu sogro, Agenor Alves Aguiar, cujos pais, Manoel Alves de Aguiar, nascido em Guiães (Vila Real), em 2.12.1871, e falecido em 27.3.1956, em Amparo, e Severina Augusta Sobrado Aguiar, nascida em Cedovim (Foz do Coa), Portugal, em 22.2.1882, e falecida em Itapira, em 21.4.1957 – ambos moradores de Amparo, onde estão sepultados.

⁴⁶ Casou-se com Ib Lemos, irmã de Isa Lemos e Ed Maria Lemos – amigas dos tempos de colégio em Ribeirão Preto.

⁴⁷ WALTARI, Mika. Apud VICHÍ, Fábio. Cartão gentilmente cedido pela esposa do saudoso Acadêmico, a Professora Maria Márcia Bastia Vichi.

⁴⁸ VICHÍ, Fábio Leite. Amparo como a “For da Montanha”. 1ª ed., Ribeirão Preto: Ed. Cláudia Souto de Lima Artes Gráficas – ME, 2018; “Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP 40 Anos – Seus Prólogos Contados por Um Ex-Aluno”. 1ª ed., Ribeirão Preto: Editora Legis Summa Ltda, 1993, p. 7-8; “Comemoração do Cinquentenário de Fundação da Faculdade”, Ribeirão Preto: Gráfica Canavaci, 2002, p. s/n.

⁴⁹ VICHÍ, Fábio Leite. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP 40 Anos. Seus Prólogos Contados por um Ex-Aluno”. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa Ltda, 1993, p. 7-8)

⁵⁰ “(1) Saudação a Graciliano Ramos (Posse na ARL – 1988); (2) Saudação ao Prof. Alceu Amoroso Lima (Posse do Dr. Antonio Ruffino Neto na ARL – 1989); (3) Evocação Sentimental à Memória de Meu pai (posse na Academia Amparense de Letras – 1993); (4) Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – 40 Anos. Seus Prólogos Contados por um Ex-Aluno (Livro, 2ª Edição, 1994); (5) Reminiscências de um Médico (Livro, 3ª Edição, 2001); (6) Personagens e Fatos de Amparo (Livro, 2002); (7) Aspectos Históricos e Personagens da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Volume I – Comemoração do Cinquentenário da Fundação (Livro, 2002); (8) Visões e Vultos de Amparo (Livro, 2003); (9) Sílvio Vichi – Uma saudade (Livro, 2003); (10) Amparo em Alguns Retalhos (Livro, 2004); (11) Aspectos Históricos e Personagens da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP Volume 2 (Livro, 2005); (12) Amparo em Sentimentalidades (Livro, 2005); (13) Amparo em Contos, Casos e criaturas (Livro, 2006); (14) Amparo em Lembranças (Livro, 2008); (15) Amparo em Cantares (Livro, 2009); (16) Amparo em Despertares e Crepúsculos (Livro, 2010); (17) Pinceladas de Amparo (Livro, 2011); (18) Quimeras e Realidades de Amparo (Livro, 2010); (19) Narrativas de Amparo (Livro, 2012); (20) Amparo em Alusões e Ilusões (Livro, 2012); (21) Amparo em Respingos (Livro, 2013); (22) Centenário de Iracema Vichi e Outros Textos (Livro, 2013); (23) Comentários Amparenses (Livro, 2013); (24) Amparo em Fragmentos (Livro, 2014); (25) Amparo Sem Fim (Livro, 2014); (26) Revivendo Amparo (Livro, 2014); (27) Amparo em sonhos (Livro, 2015); (28) Amparo em Amparos (Livro, 2015); (29) Amparo em Conjecturas (Livro, 2015); (30) Amparo em Reticências (2016); (31) Revisões Amparenses” (Livro, 2016); (32) Transitoriedades Amparenses (Livro, 2016); (33) Retalhos Amparenses ou Não (Livro, 2017); (34) Amparo em Retalhos (Livro, 2017); (35) Acertos e Desacertos Amparenses (Livro, 2017); (36) Chamamentos Amparenses (Livro, 2018)”. (37) Amparo como a “flor da Montanha”. 1ª ed., Ribeirão Preto: Ed. Cláudia

Souto de Lima Artes Gráficas, 2018, p. 5); (38); (38) “Discurso de Paraninfo da Turma de 1969 da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (“Discurso Nunca Discursado”).

⁵¹ RAYA, Luiz Carlos. In: VICHÍ, Fábio Leite. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP – 40 Anos. Seus Prólogos Contados por Um Ex-Aluno”. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa Ltda, 1993, orelhas do livro.

⁵² P. ex.: Colégio Santa Úrsula, na Rua São José; Palacete Innecchi, na Rua Duque de Caxias; Estação da Estrada de Ferro Mogiana, na Avenida Jerônimo Gonçalves;

⁵³ “Diretor Renato Keniti Kawano, Diretor Comercial Pedro Paulo de Toledo Ramos, Secretário Geral: Cesar Timo Faria; Secretário Adjunto: Pero Paulo de Toledo Barros; Corpo Consultivo: Presidente: Maurício Rocha e Silva; Secretário Adjunto: Clóvis de Almeida; Membros: Alberto Real Marines, André Ricciardi Cruz, Carlos Ribeiro Diniz, Clóvis Bühler Vieira, Fernando O. Motta A Corrêa, Fritz Köberle, Hélio Lourenço de Oliveira, J. Moura Gonçalves, Mauro Pereira Barretto, Miguel R. Coivian, Ruy E. Ferreira Santos, Walter August Hadler, Cesar Augusto Montelli, Fábio Leite Vichi, Fernanda Matilde Ralo, Frederico G. Graeff, João Garcia Leme, João Potério Filho, Valdomiro Marcon. E a Diretoria do Centro Acadêmico: Presidente: Fábio Leite Vicchi, Vice-Presidente: Jesualdo Baldochi, 1^a} Secretário: Adib Buainain, 2^o Secretário: José Roberto Nocite, 1^o Tesoureiro: Bertolino Bruno de Almeida; 2^o Tesoureiro: Robor Tufi Helen; Departamento Científico: Renato Keniti Kawano, Vice-Diretor: José Michel Kalaf, Secretário: Vitorio Verri “(VICHÍ, Fábio Leite. “Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP 40 Anos”, Seus Prólogos Contados por Um Ex-Aluno”. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa Ltda, 1993, p. 83).

⁵⁴ Como, da Faculdade de Medicina, Carlos Alberto Normanha, Luiz Roberto de Oliveira, João Stamato e irmão, Marco Antonio Barbieri (“Totó”), Luiz Mantovani, Villalobos, Luiz Carlos Raya; alguns de outras Faculdades, como João Cunha e Jirges Ristum; e nós, humildemente colegiais, Luiz Antonio Rodrigues da Silva, Ricardo Marcondes de Souza, Paulo Roberto Moreira (Pablito), Regina Elisa França (“Naísa”), Luiz Roberto Oliveira, Aparecida, Antonio e Rosa Cosenza, e peço perdão pelas omissões, mesmo sabendo “imperdoáveis”.

⁵⁵ Na mesma Turma de 1969, formou-se meu primo, Claudinei Aparecido Beneti – radicado em Jataí, Goiás.

⁵⁶ Luiz Roberto de Oliveira: irmão da Professora Maria Angélica de Oliveira Martins, casado com amiga de minha mulher, a Professora Nair Lapenta de Oliveira, amigas e colegas de minha mulher, formadas na 1^a Turma da Faculdade de Filosofia de Ribeirão Preto – em que se formaram também colegas e amigos, como: Professoras Sônia Santa Vitaliano e Zélia Maria Biasolli e o Professor, Teatrólogo e Design Paulo Roberto Moreira (“Pablito”).

⁵⁷ VICHÍ, Fábio Leite. O Discurso Nunca Discursado. Ribeirão Preto: Revista do Centro Médico de Ribeirão Preto. Julho de 1988.

⁵⁸ Ináh de Andrade Nogueira Benetti, minha mãe, era filha de Urias José Nogueira (nome alterado por José o antigo nome Simpliciano, tradicional em seus antepassados), filho de Prudente José Nogueira (ou Correia) e Izabel Cândida Nogueira, nascido em São Simão a 25.03.1889 e falecido em Ribeirão Preto, em 02.03.1945. Casado com Anna Teixeira de Andrade Nogueira, nascida em Ituverava, a 11.07.1900 e falecida em Ribeirão Preto, a 05.06.1981. Ambos de famílias de fazendeiros (proprietários, ao que consta, das fazendas, da família do pai, chamadas Santa Isabel, em Bento Quirino, e Cachoeira, em São Simão, e da mãe, Bananal e Barreiro, em São Simão). Após a perda das propriedades agrícolas em época de geada e subsequentes empréstimos inadimplidos, mudaram-se para Ribeirão Preto e foram morar de início em chácara na Rua Álvares Cabral, perto da atual Avenida Nove de Julho e depois no então Jardim Macedo, em seguida na Rua Américo Brasiliense, entre as ruas São José e Garibaldi. Tiveram seis filhos: Ináh de Andrade Nogueira Benetti (minha mãe), Maria Sebastiana Nogueira, do lar, Lázaro José Nogueira, proprietário do Escritório São Paulo de Contabilidade em Andradina, Irineu Sebastião Nogueira, funcionário concursado do Banco do Brasil, Benedito Djalma Nogueira, Tenente do Exército Nacional, e Maria Aparecida Nogueira Ferreira, proprietária rural no Mato Grosso.

⁵⁹ Sobre a quebra de agricultores à época, ver ANDRADE, Jorge: “A Moratória” 16^a ed., São Paulo: Agir, 2003. Meu avô, Urias José Nogueira, havia estudado no famoso Colégio de Itu. Minha avó, Anna Teixeira de Andrade Nogueira, em Ituverava

⁶⁰ Casados, meus pais foram morar na Rua Goiás, 678, logo, contudo, mudando-se aos fundos da residência de meus avós maternos, na Rua Américo Brasiliense, entre as Ruas São José e Garibaldi, e, logo adquirindo casa própria na mesma Rua Américo Brasiliense nº 1024, junto à qual meu pai instalou sua marcenaria, lá permanecendo até o fim da vida. Moramos depois no início da Rua Floriano Peixoto e no começo da Rua Duque de Caxias, que então começava na Avenida Independência, para, depois, irmos morar na Rua Américo Brasiliense, 968, esquina com a Rua São José, onde minha mãe, no número 600, manteve uma loja, de início de roupas, tecidos e brinquedos, depois reduzida a uma pequena loja de armarinhos.

⁶¹ Não completando o curso, como repetia, por falta de recursos por queda de condições econômicas.

⁶² Lia desde aqueles romances das então famosas “Coleção Azul” e “Coleção Rosa” até os grandes clássicos, Victor Hugo, Alexandre Dumas, José de Alencar, Machado de Assis e vários poetas brasileiros.

⁶³ BENETTI, Ináh de Andrade Nogueira. *Amor Sem Fim*. Ribeirão Preto: Migalhas, 2012.

⁶⁴ BENETTI, Ináh de Andrade Nogueira. *Somos Todos irmãos*. Ribeirão Preto: Migalhas, 2014

⁶⁵ Guardo uma bela foto do inesquecível momento, com a presença também do amigo Saulo Ramos.

⁶⁶ Meu avô, Elio Giovanni Benetti, filho de Antonio Benetti e Caterina Finetti, nasceu em Ferrara, Francolino, 393, em 20.8.1880, e faleceu em Ribeirão Preto, a 4.2.1940, e minha avó, Augusta Toniolli, filha de italianos de Rovigo e Verona, Francisco Toniolli (ou Tognolli) e Carolina Toniolli (ou Tognolli), nasceu em Ribeirão Preto, na Fazenda Dumont, Guataparã, em 25.12.1893 e faleceu em Ribeirão Preto, a 9.5.1963. Residiram no então “Barracão”, atualmente Campos Elísios, na Rua Goiás nº 1, posteriormente renumerada para nº 544 – rua então pouco povoada, sem calçamento, numa casinha baixa, de piso de tijolos, com quintal, plantações e viveiro de aves nos fundos. A memória oral da família é a seguinte: o pai e a mãe de meu avô (Antonio Benetti e Catarina Finetti), casados na Itália (ele, ao que parece, em segundas núpcias), tiveram os filhos Hélio Giovanni (meu avô), Joana, Guido e Natale. O pai de meu avô comprou terra no então “Barracão”, montou uma carvoaria e trabalhou também como negociante de cavalos no mercado, permanecendo uns quatorze anos no Brasil e depois voltou para a Itália com o filho Natale, constando que para lá “pegar as terras de volta”. Deixou no Brasil a esposa e os demais filhos Hélio (meu avô), Joana e Guido, mas não voltou, assim como o filho Natale, que com ele permaneceu na Itália. Meu avô, Hélio, trabalhou com o pai na fábrica de carvão e, com a partida deste, trabalhou como carroceiro de entregas de uma padaria e da Cervejaria de Quarto Bertoldi, na Rua Capitão Salomão. O pai e a mãe de minha avó Augusta imigraram para o Brasil com 11 filhas, constando que uma morreu na viagem “e foi ao mar”, sobrevivendo as filhas Gioconda, Isabel, Rosa, Antonina, Deolinda e Augusta (minha avó). Meus avós, Hélio e Augusta, tiveram seis filhos: Antonio Benetti, marceneiro, empregado na Fábrica de Móveis Delloiagono, Josefina Benetti Casanova, dona de casa, Maria Benetti Fávori, costureira na fábrica Matarazzo, Deolinda Benetti, falecida aos 16 anos, Fioriavante Benetti (meu pai), também marceneiro, tendo trabalhado na Fábrica de Placas de João Gual, depois na Fábrica de Móveis Delloiagono e por fim com marcenaria própria na Rua Américo Brasiliense, 1024 – Fundos, e Recieri Benetti, mecânico, proprietário de oficina de veículos na Rua José de Alencar, tendo sido chefe da oficina da Revendedora Chrysler, na Avenida Francisco Junqueira.

⁶⁷ Como costureira no setor de sacaria, minha tia, Maria Benetti Favari trabalhou a vida toda, até aposentar-se orgulhando-se de jamais haver faltado um dia ao serviço, mesmo quando viúva, criando sozinha três filhos.

⁶⁸ De que meu avô, Elio Benetti, foi associado – conforme relação de sócios em meu arquivo pessoal.

⁶⁹ Meu primo Claudinei Aparecido Benetti, já referido, formado na Turma de 1969, de que paraninfo o Prof. Fábio Leite Vichi, é filho do tio Antonio Benetti.

⁷⁰ Sobre o Maestro Ignazio Stabile: “Natural da Itália, tendo nascido em Roma no dia 1º de fevereiro de 1889, foi combatente na Primeira Guerra Mundial, defendendo a Itália. Veio para o Brasil ainda moço, na turnê da ‘Grande Companhia Italiana de Opereta Clara Weiss’. (...) Em 1930, transferiu-se para Ribeirão Preto, para trabalhar na Banda Municipal Giacomo Puccini, que se apresentava nas praças da cidade. Com o dinheiro destinado à manutenção desta banda, mantinha também uma escola de música para os pobres, que funcionava no Teatro Carlos Gomes”. / Em 1930, participou como regente do concerto de inauguração do Teatro Pedro II e, em 13 de agosto de 1936, das comemorações musicais do centenário de nascimento do compositor Carlos Gomes. (...) regeu a OSRP em São Paulo, pela inauguração do ‘Estádio do Pacaembu’, onde, na oportunidade, foi homenageado o então presidente da República Getúlio Vargas, que assistiu à sua apresentação com a Orquestra (HADDAD, Gisele Laura. “Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto. Representações e Significado Social. Ribeirão Preto: Instituto do Livro, 2011, p. 54-55). A Banda Giacomo Puccini “era dirigida pelo maestro Ignazio Stabile e fazia retretas semanais na Praça Sete de Setembro, Na Praça XV de Novembro e na Praça Sagrado Coração da Vila Tibério” (HADDAD, Gisele Laura, ob. cit., p. 43).

⁷¹ Meu pai falava muito também do Maestro Antonio Giammarusti, mas não sei se chegou a estudar ou trabalhar com ele.

⁷² Na construção do Teatro Pedro II, na fachada, trabalhara, com orgulho de bom “pedreiro fachadeiro”, meu tio, Sílvio Casanova, casado com minha tia, Josefina Benetti Casanova.

⁷³ Especialmente a Cavalleria Rusticana, Il Guarani, Lo Schiavo, Salvator Rosa, Rigoletto, La Traviata – e, evidentemente, Nabucco! Lembro os amigos músicos de meu pai: Iole Portiolli, Julio Cecchi, “Eugênio da Banda”. – Depois se juntaram amigos como o Dr. Adelson Gabarra, o conceituado Cirurgião Dentista vizinho, compositor sob pseudônimo de “Cachimbinho” e presente a esta cerimônia, irmão do historiador Prisco da Cruz Prates, Aloysio Prates, cujas partituras, dadas a meu pai, ainda conservo.

⁷⁴ Rua Américo Brasiliense nº 1024, frente para um corredorzinho estreito, alargando-se com a casa e depois a fábrica de móveis nos fundos. Antes havíamos morado na mesma Rua Américo Brasiliense nº 968, com esquina para a Rua São José nº 600 (em que minha mãe teve uma loja de armarinhos), um casarão velho, em que, demolido, atualmente se situa um bar e restaurante.

⁷⁵ José Magalhães Navarro, qualificado funcionário concursado do Banco do Brasil, foi conceituado conferencista da Casa de Euclides da Cunha em sua terra natal, São José do Rio Pardo, a ele cheguei a recorrer nos estudos sobre Euclides da Cunha.

⁷⁶ No CETEC, interpretaram-se, sob a direção do competente teatrólogo Acyr Braga de Castro, vindo do teatro do rio de Janeiro como funcionário da Receita Federal de Ribeirão Preto, A Ceia dos Cardeais, de Júlio Dantas, A Revolução na América Latina, de Augusto Boal, A Bruxinha que Era Boa, de Maria Cláudia Machado, Quem Casa Quer Casa, de Martins Pena, e As Cadeiras, de Ionesco e, ainda, montando-se uma peça de autoria do próprio Diretor Acyr Braga de Castro, “A Réplica (inédita).

⁷⁷ Sérgio Jacinto Guerrieri Resende, filho do histórico Promotor de Justiça de Ribeirão Preto, José Guerrieri Resende, ingressou comigo na Magistratura de São Paulo, foi Presidente da Associação Paulista de Magistrados e Corregedor Geral da Justiça do Estado de São Paulo.

⁷⁸ Sérgio Rizzi, Procurador do Estado e Professor de Direito Processual Civil da PUC-SP.

⁷⁹ V. referências acima.

⁸⁰ José Sérgio Machado, conhecido como Filó Machado, pertencente à família de grandes músicos, como o pai, compositores e cantores de vivência e renome internacionais – entre os quais, no Canadá, o violonista Celso Machado.

⁸¹ Lembro José de Alencar, Machado de Assis, Paulo Setúbal, Castro Alves, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Fernando Pessoa, Mário de Andrade, Carlos Drummond, Cruz e Souza, Eça de Queiros Castro Alves, Fagundes Varella, Álvares de Azevedo, Lima Barreto, Manuel Antonio de Almeida, Afonso Taunay, Júlio Verne, Alexandre Dumas Filho, Vitor Hugo e assim por diante

⁸² Agenor Alves Aguiar e Jenny Sanches Aguiar, meus sogros (filhos: Adilson Sanches Aguiar, Sílvia Sanches Aguiar e Irene Sanches Aguiar Lima)..

⁸³ BENETTI, Ináh de Andrade Nogueira. *Amor Sem fim*. Ribeirão Preto: Migalhas, 2012, p. 7.

⁸⁴ E mais: Régis de Castilho Barbosa, Paulo Roberto Moreira, o “Pablito”, Regina Helena Monteiro de Barros, Cora Schoeder, Inês Cecília Mestriner, Donatila Vivas, Maria Lúcia Naime, José Carlos Corrêa, Sérgio Luiz Bartolomucci, Carlos Alberto Normanha, Geraldo Rodrigues Soeira, um mestre da gramática, dedicando-se depois também ao esperanto. Aliás, tenho até hoje livros emprestados por colegas, não devolvidos, assim como meus, que não me voltaram...

⁸⁵ Em que fui encarregado de fazer, sabe-se lá como, uma pergunta ao filósofo! Nas aulas de francês, representamos em francês “La Belle au Bois Dormant” – com Regina Helena Monteiro de Barros interpretando a Bela Adormecida e eu o príncipe”

⁸⁶ Entre os quais: Célio Bento de Freitas Costa (Filosofia e, em Cirso Particular, Latim); Edith Migliotti (Geografia), Dora Barachini (História), Romero Barbosa (História), Maria de Lourdes, D. “Dilu” (Música), Maria Spadaro (Matemática), Jorge Spiropoulos (Desenho), Dinho Saretta (Educação Física), Ary (Trabalhos Manuais), Mário Antunes (Ciências), Paulo Valantie (Ciências), Décio Setti (Física), Antonio Sebastião Barbosa, “Chóla” (Química), Aminthas Vellozo de Siqueira (Diretor), Jorge Rodrini Luiz (Sociologia) ...

⁸⁷ Ver ISOLA, Ivan Negro; RISTUM, André. Um Vento Me Leva. Lembranças de Jirges Ristum. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

⁸⁸ A parte do Pinguim, que era a mais antiga e tradicional, tinha o folclore de que o chope era o melhor porque vinha resfriado direto da Fábrica da Antártica, na Avenida Jerônimo Gonçalves...

⁸⁹ Na Faculdade de Direito, a “Bancada de Ribeirão Preto” sempre teve atuação relevante, destacando-se: Rui Flávio Chufalo Guião, Feres Sabino, Miguelson David Isaac, Luiz Antonio Rodrigues da Silva, Ricardo Ferraz Marcondes de Souza, Geraldo Rodrigues Soeira, José Roberto Nassar, José Carlos Corrêa, Haroldo Malheiros Duclerc Verçosa, Lamartine Villela Ferreira, Otávio Verri Filho e Rubens Ely de Oliveira, Vicente Miranda.

⁹⁰ Os grandes estrangeiros: Kafka, Hesse, os Mann, Céline, Sartre, Genet, Simone, Duras, e a grande literatura política da época – marcada pelas Revistas da Civilização Brasileira, Paz e Terra, à assinatura da Revista Leitura acrescentaram-se Les Temps Modernes, comprados na Livraria Francesa na Barão de Itapetininga, e as assinaturas de *The Economist*, *News Week* e *Musik Nachrichten aus Prag*. Nortearam as lutas políticas presentes na Universidade dos movimentos estudantis de 1968.⁹⁰ E os espetáculos teatrais no Teatro de Arena, no Oficina, Maria Della Costa, TBC e Cacilda Becker.⁹⁰, e os cinemas da época: Bijou, Marrocos, Olido, Belas Artes...

⁹¹ Quando Juiz de Direito de 1º Grau, em São Bernardo do Campo (3ª Entrância), período em que teria equiparação de entrância para poder ter sido Juiz de Direito de Ribeirão Preto, lembro, escusando-me por eventuais omissões, alguns dos grandes Magistrados titulares, muitos dos quais meus amigos pessoais: Dalton Silveira Vita, José Arnaldo Andreotti, Oscar Machado de Carvalho Rosa, Aderbal Rodrigues Vieira, Dino Carpi, Jorge Cocicov, Ovídio Rocha Barros Sandoval, Antonio Disney Montingelli, Ricardo Braga Monte Serrat, José Maria da Costa e Flávio Henrique Lemos.

⁹² Lê-se na Placa de Bronze: “Esta imagem foi aqui colocada por desejo da maioria dos jurados e consentimento dos Exmos. Juizes de Direito Doutores Eliseu Guilherme Christiano e Laudo Ferreira de Camargo. Ribeirão Preto 29 de gosto de 1915. A Comissão: Saturnino de Carvalho, D^or. João Guião, Adolfo Serra, D^or. Nery Gonçalves, Alfredo Porto, Humberto Baptista, Antônio Mendes, Assad Chediak”. C celebrando a restauração, realizada pelo respeitado restaurador Miguel Ângelo Barbosa, a pedido da Acadêmica Fernanda Castelo Moço Ripamonte, Presidente da Academia Ribeirãopretana de Letras, foi registrada também em pequena placa a restauração para cerimônia de minha posse, realizada no Salão do Juri, em 21.11.2023.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALVES, Fabio Cesar. *Armas de Papel – Graciliano Ramos, as Memórias do Cárcere e o Partido Comunista Brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2016
- AMADO, Jorge. Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras, 17.07.1961.
- ANDRADE, Jorge. *A Moratória*. 16^a ed., São Paulo: Agir, 2003.
- BENETI, Sidnei Agostinho. *Uma Família Feliz*. Apresentação. In: Ináh Nogueira Benetti. *Amor sem Fim*. Ribeirão Preto: Migalhas, p. 7.
- BENETTI, Ináh de Andrade Nogueira. *Amor Sem Fim*. Ribeirão Preto: Migalhas, 2012.
- BENETTI, Ináh de Andrade Nogueira. *Somos Todos irmãos*. Ribeirão Preto: Migalhas, 2014.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura brasileira*. 53^a ed., São Paulo: Cultrix, 2021.
- CALVINO, Ítalo. *Por Que Ler os Clássicos*. In: *Por Que Ler os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 16 e 11.
- CÂNDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FREIRE, Gilberto. “Euclides da Cunha Revelador da Realidade Brasileira”, in: *Obras Completas de Euclides da Cunha*. 1^o Vol. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966
- GATTAI, Zélia. *Jardim de Inverno*, 6^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1989
- HADDAD, Gisele Laura. “Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto. Representações e Significado Social. Ribeirão Preto: Instituto do Livro, 2011.
- ISOLA, Ivan Negro; RISTUM, André. *Um Vento Me Leva*. Lembranças de Jirges Ristum. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- LIMA, Herman. *O Conto, do Realismo aos Nossos Dias*. In: *A Literatura no Brasil*. Direção: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A. Vol. II.
- PICCCHIO, Luciana Stegagno. *La Littérature Brésilienne*. Paris: PUFF, 2^a ed., 1981.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *Storia della Letteratura Brasiliana*. Torino: Einaudi, 1997.
- RAMOS, Heloísa, in: RAMOS, Graciliano. “*Cartas*”. 8^a ed., Rio de Janeiro: Record, 1994.
- RAMOS, Ricardo. *Explicação Final*. In: RAMOS, Graciliano, *Memórias do Cárcere*, vol. 2, Rio de Janeiro: Record, 1994, p. 318 e 319.
- RAMOS, Ricardo. *Terno de Reis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- RAYA, Luiz Carlos. In: VICHÍ, Fábio Leite. *Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP – 40 Anos. Seus Prólogos Contados por Um Ex-Aluno*. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa Ltda, 1993, orelhas do livro.
- SALLA, Thiago Mio Salla; LEBENSZTAIN, Idea. *O Antimodernista Graciliano Ramos e 1922*. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- SALLA, Thiago Mio. *Graciliano Ramos e a Cultura Política*. São Paulo: EDUSP, 2016.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Duas Vozes diferentes em Memórias do Cárcere?*. *Revista de Estudos Avançados*, vol. 9, n. 23, 1995.

BIBLIOGRAFIA DE GRACILIANO RAMOS

- (01) 1933 – “Caetés”;
- (02) 1934 – “São Bernardo”;
- (03) 1936 – “Angústia”;
- (04) 1938 – “Vidas Secas”;
- (05) 1939 – “A Terra dos Meninos Pelados”;
- (06) 1944 – “Histórias de Alexandre” (Contos);
- (07) 1945 – “Dois Dedos” (Contos);

-
- (08) 1945 – “Infância” (Memórias);
 - (09) 1946 – “Histórias Incompletas” (Contos);
 - (10) 1947 – “Insônia” (Contos);
 - (11) 1950 – “A Peste” – Camus (Tradução);
 - (12) 1951 – “Sete Histórias Verdadeiras” (Contos);
 - (13) 1953 – “Memórias do Cárcere” (Póstumo);
 - (14) 1954 – “Viagem” (Póstumo);
 - (15) 1962 – “Alexandre e Outros Heróis” (Póstumo);
 - (16) 1962 – “Linhas Tortas (Póstumo)”;
 - (17) 1962 – “Viventes de Alagoas” (Póstumo);
 - (18) 1962 – Alexandre e Outros Heróis (Póstumo);
 - (19) 1962 – “Histórias Agrestes” (Póstumo);
 - (20) 1980 – “Cartas” (Póstumo).
 - (21) 2023 – “Graciliano. Autorretrato aos 56 Anos” e Entrevista. <http://graciliano.com.br/autoretrato/>
 - (22) 2023 - Conversas. Org.: Ieda Lebzantayn e Thiago Mio Salla.
 - (23) 1996 - Garranchos. Textos Inéditos. Org. Thiago Mio Salla.
 - (24) 1948 - Última Entrevista. Entrevistado por Homero Senna. Revista do Globo, n. 18.12.1948.

BIBLIOGRAFIA DE FÁBIO LEITE VICHÍ

- (1) Saudação a Graciliano Ramos (Posse na Academia Ribeirãopretana de Letras – 1988);
- (2) Saudação ao Prof. Alceu Amoroso Lima (Posse do Dr. Antonio Ruffino Neto na ARL – 1989);
- (3) Evocação Sentimental à Memória de Meu pai (posse na Academia Amparense de Letras – 1993);
- (4) Faculdade de Medicina de Ribeirão preto – 40 Anos. Seus Prólogos Contados por um Ex-Aluno (2ª ed.; 1994);
- (5) Reminiscências de um Médico (3ª Edição, 2001);
- (6) Personagens e Fatos de Amparo (2002);
- (7) Aspectos Históricos e Personagens da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Volume I – Comemoração do Cinquentenário da Fundação (2002);
- (8) Visões e Vultos de Amparo (Livro (2003);
- (9) Sílvio Vichi – Uma saudade (Livro, 2003);
- (10) Amparo em Alguns Retalhos (Livro, 2004);
- (11) Aspectos Históricos e Personagens da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP Volume 2 (2005);
- (12) Amparo em Sentimentalidades (2005);
- (13) Amparo em Contos, Casos e criaturas (2006);
- (14) Amparo em Lembranças (2008);
- (15) Amparo em Cantares (2009);
- (16) Amparo em Despertares e Crepúsculos (2010);
- (17) Pinceladas de Amparo (2011);
- (18) Quimeras e Realidades de Amparo (2010);
- (19) Narrativas de Amparo (2012);
- (20) Amparo em Alusões e Ilusões (2012);
- (21) Amparo em Respingos (2013);
- (22) Centenário de Iracema Vichi e Outros Textos (2013);
- (23) Comentários Amparenses (2013);
- (24) Amparo em Fragmentos (2014);
- (25) Amparo Sem Fim (2014);
- (26) Revivendo Amparo (2014);
- (27) Amparo em sonhos (2015);
- (28) Amparo em Amparos (2015);
- (29) Amparo em Conjecturas (Livro, 2015);
- (30) Amparo em Reticências (2016);
- (31) Revisões Amparenses” (2016);
- (32) Transitoriedades Amparenses (2016);
- (33) Retalhos Amparenses ou Não (2017);
- (34) Amparo em Retalhos (Livro, 2017);
- (35) Acertos e Desacertos Amparenses (2017);
- (36) Chamamentos Amparenses (2018);

(37) Amparo como a “Flor da Montanha” 1ª ed. (2018);

(38) O Discurso Nunca Discursado. Revista Centro Médico Ribeirão Preto (Julho de 1988).

ACADÊMICOS DA ACADEMIA RIBEIRÃO PRETANA DE LETRAS (Em 21.11.2023)

Número da Cadeira, Acadêmico e Patrono

01. MARCOS ZERI FERREIRA (Alberto de Oliveira)
02. ADRIANA SILVA (Álvares de Azevedo)
03. JOÃO ADNALDO DONIZETE GANDINI (Casemiro de Abreu)
04. RUI FLÁVIO CHÚFALO GUIÃO (Castro Alves)
05. ELIAS ANTÔNIO NETO (Cruz e Souza)
06. FERES SABINO (Euclides da Cunha)
07. SÉRGIO ROXO DA FONSECA (Gonçalves Dias)
08. FÁBIO JOSÉ GONÇALVES DA LUZ (Humberto de Campos)
09. NÉLSON JACINTHO (Joaquim Nabuco)
10. ELY VIEITEZ LISBOA (José de Alencar)
11. MARLENE BERNARDO CERVIGLIERI (Luiz Gama)
12. GEOVAH PAULO DA CUZ (Machado de Assis)
13. DENIS EDUARDO BERTINI BÓ (Augusto dos Anjos)
14. GALENO AMORIM (Monteiro Lobato)
15. MENALTON JOÃO BRAFF (Olavo Bilac)
16. EDEVARD DE SOUZA PEREIRA (Paulo Setúbal)
17. MARIA CECÍLIA MONTEIRO DE FIGUEIREDO (Barão do Rio Branco)
18. IRENE COIMBRA DE OLIVEIRA CLÁUDIO (Rui Barbosa)
19. RITA MARCIANA MOURÃO (Vicente de Carvalho)
20. CAMILO JOSÉ MÉRCIO XAVIER (Mário de Andrade)
21. LUZIA STELLA CARNEIRO DE SOUZA E MELLO (Ricardo Gonçalves)
22. WALDOMIRO WALDEVINO PEIXOTO (Veiga Miranda)
23. AMINI BOINAIM HAUY (João Rodrigues Guião)
24. ANTONIO CARLOS TÓRTORO (Batista Cepelos)
25. AUGUSTO MARTINEZ PEREZ (Luiz Pereira Barreto)
26. CARLOS ALBERTO FERRIANI (Aloysio de Castro)
27. ALBERTO COSME GONÇALVES (Francisco de Assis Barros)
28. WLAUMIR DONISETI DE SOUZA (Antonio de Alcântara Machado)
29. CEZAR AUGUSTO DA SILVA BATISTA (Júlio de Mesquita Filho)
30. FERNANDA CASTELO MOÇO RIPAMONTE (João Guimarães Rosa)
31. JEFFERSON CASSIANO OLIVEIRA DE SOUZA (Manoel Bandeira)
32. MARIA CONCEIÇÃO ALVES DE LIMA (Cecília Meirelles)
33. SÉRGIO NARCISO MARQUES LIMA (Vinicius de Moraes)
34. SIDNEI AGOSTINHO BENETI (Graciliano Ramos)
35. JOSÉ EDUARDO DUTRA DE OLIVEIRA (Otoniel Mota)
36. VALDIR RIBEIRO BORBA (Guilherme de Almeida)
37. ANTONIO RUFFINO NETTO (Alceu Amoroso Lima)
38. ROSA MARIA DE BRITTO COSENZA (Oswald de Andrade)
39. ROSELI SANT'ANNA (Érico Veríssimo)
40. GILBERTO DE ANDRADE ABREU (Sérgio Buarque de Holanda)